

# Prefácio

Sem floresta não há caça, sobretudo não há caça furtiva (*Wildern*). As *silvae* são desde sempre um título predilecto para obras que reúnem poesias e escritos das mais diversas temáticas e formas. É um título que já existia antes das *Silvae* de Publius Papinius Statius (publicado entre 92 e 96), obra bem conhecida, que – embora restrita à poesia – contribuiu decisivamente para tornar esta ‘colectânea’ de temas e objectos vários numa espécie de género caracterizado por um estilo contemplativo e permissivo, sem grande rigor (*stilus remissior*). O autor espanhol Pero Mexía não quer mesmo saber de regras de estilo nem de delimitações entre géneros de texto, nas suas *Silva de varia lección* (1540): „Tal como as plantas e as árvores crescem na floresta sem ordem“, encontramos nestas páginas notícias, curiosidades, lendas, milagres, relatos de viagens – enfim, considerações mais ou menos fundamentadas sobre o mundo, que são fruto de alegres caçadas furtivas por centenas de obras anteriores. A tradução alemã *Sylva variarum lectionum, das ist vielfältige Beschreibung mancherley Historien und philosophischer Dingen Auslegung [...]* (Basileia, 1664) estabelece através do segundo elemento do seu extenso título explicativo, „interpretação de assuntos filosóficos“, a ponte para as *Florestas Críticas* (*Kritische Wälder*) de Johann Gottfried Herder, que surgiram em 1768 a partir da leitura produtiva do *Laokoon* de Lessing, exemplificando de forma brilhante um novo estilo de pensamento filosófico: a discussão crítica de posições, contendo reflexões ousadas e sem sistematização rígida, avançando, por assim dizer, entre arvoredos cerrados e clareiras do saber.

O nosso título *Wildern in luso-austro-deutschen Sprach- und Textrevieren* pretende despertar tais associações de uma tradição textual europeia que se distingue pela virtude de desrespeitar regras ou transgredir limitações estabelecidas. Neste sentido, *Streifzüge* (incursões), um termo sobejamente utilizado em actas de encontros e volumes de homenagem, pareceu-nos demasiado inócuo, demasiado descaracterizado para homenagear o sexagésimo aniversário do Professor Erwin Koller, que indubitavelmente prefere caçadas analíticas em zonas fronteiriças aos passeios contemplativos em locais já conhecidos. Se, para ele, a Idade Média e o Tirol constituem uma espécie de território silvestre caseiro, local e

temporalmente bem delimitado, não deixam de ser também repetidamente o ponto de partida e o refúgio antes e após variadíssimas e extensas excursões a outros territórios.

Não foi por acaso que o olhar de Oswald von Wolkenstein seguiu atentamente todos os passos do director austríaco do Departamento de Estudos Germanísticos da Universidade do Minho, na antiga capital sueva Braga. E não foi por acaso também que um dos 70 artigos científicos de Erwin Koller se dedica à pergunta, se esse mesmo Oswald terá participado na conquista de Ceuta pelos Portugueses. Já um outro texto trata de Maximiliano I, caçando no Schmirn e por outras bandas. Noutros estudos ainda são descobertos e dissecados textos que se referem ao casamento de Leonor de Portugal com o imperador Frederico III. Sempre à espreita de nova *presa*, o caçador e coleccionador movimenta-se, com astúcia, sólido saber teórico e um vasto conhecimento dos detalhes, num território textual e linguístico luso-austro-alemão, um espaço de acção e estudo que ultrapassa, das mais variadas formas, inúmeras fronteiras. Movimenta-se entre línguas, culturas e literaturas, ancoradas no triângulo entre a Áustria, a Alemanha e Portugal, sem nos podermos esquecer, no entanto, de outras excursões mais longínquas, como por exemplo as viagens ao Brasil e ao Japão.

A lista de publicações de Erwin Koller está recheada de análises contrastivas e comparativas, complementadas pela vertente da Linguística histórica. Destacamos a questão, continuamente na sua mira, da negação ou da codificação linguística da doença, do ferimento e da dor, uma das suas especialidades temáticas já desde a primeira dissertação (Innsbruck, 1971), antes de se dedicar, na sua *Habilitationsschrift*, ao *Totentanz* [dança da morte] (Innsbruck, 1980) – uma obra de referência, frequentemente citada até à actualidade. Mesmo no seio do território luso-austro-alemão, Erwin Koller é incansável na procura de nichos particulares, como o demonstram de forma exemplar os ensaios sobre o dialecto franco (das Fränkische), a edição sinóptica dos 60 sonetos portugueses traduzidos para o alto suevo por Karl Moritz Rapp, e o seu estudo sobre os diários que o conde August von Platen escreveu em Würzburg. Um conceito como o „Platengiesisch“, denominando uma ‘língua crioula’ particular e individual, mostra bem o gosto de Erwin Koller por fenómenos de contacto interlinguístico criativamente denominados „Teutonisierung“ ou „Austrodeutsch“. Por esse motivo, o adjectivo composto do nosso título pretende fazer jus ao dom combinatório do autor homenageado.

Durante onze anos, isto é, de Outubro de 1993 a Junho de 2004, Erwin Koller dirigiu, como Professor Catedrático, o Departamento de Estudos Germanísticos da Universidade do Minho (inicialmente Secção). Neste longo período, deu-lhe um cunho inconfundível no seio da Germanística portuguesa e na rede cada vez maior de parcerias Erasmus/Sócrates. Para além das suas investigações individuais, ele iniciou, apoiou e realizou, como responsável ou co-responsável,

inúmeras acções científicas e pedagógicas. Esta intensa actividade tornou-o num dos membros mais destacados do Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM). Neste lugar cingimo-nos a referir apenas os projectos mais ambiciosos: o Colóquio Interdisciplinar *Suevos-Schwaben* (1996), centrado no papel da cidade de Braga durante o reinado dos Suevos (411-585); *Frauenlieder – Cantigas de amigo* (2000), projecto esse que ultrapassou as fronteiras da literatura e da linguística; o *VI Encontro luso-alemão* (2001), que teve como tema principal as múltiplas relações da Língua e Cultura Alemãs com o Brasil e vice-versa.

Entre os grandes feitos de Erwin Koller conta-se ainda a criação do curso de pós-graduação bilingue e inter-cultural em *Estudos Luso-Alemães* (especialização e mestrado), em 1999, que previa, desde o seu início, uma estreita colaboração com universidades estrangeiras, nomeadamente alemãs e austríacas, pressuposto crucial do actual programa europeu *European Master*.

Concomitantemente, esta homenagem pretende elogiar a sua passagem, científico e pedagogicamente profícua, pela Universidade de Innsbruck, onde se doutorou, exerceu funções como Assistente e obteve a *venia legendi*, e pela Universidade de Würzburg, onde leccionou Linguística alemã, de 1983 a 1993, na qualidade de Professor de nomeação definitiva. A colaboração com estas universidades não findou com a sua mudança para o Norte de Portugal. Muito pelo contrário, teve o seu desenvolvimento muito fecundo em variadíssimas e incansáveis formas de cooperação no seio do território luso-austro-alemão, em prol de um maior intercâmbio académico internacional.

Por fim, não queremos deixar de lembrar as suas estadas produtivas enquanto leitor e docente convidado em Tóquio e Brasília, sem esquecer a breve passagem pela Universidade de Augsburg. Em todos os locais fora do seu território de origem, Erwin Koller mostrou iniciativa, absorvendo junto dos japoneses, dos brasileiros, dos francos, dos suevos e dos minhotos algo desses 'novos territórios' para depois transformar com o seu característico génio e humor austríaco.

A combinação profícua do seu gosto pela Idade Média, pelas linguísticas histórica, textual e comparada fazem-no descobrir sempre algo de novo: não surpreende, por isso, que se tenha tornado um companheiro incansável de *caçadas* de muitos colegas, entre os quais os mais fiéis se tornaram seus amigos. Também enquanto docente e orientador de trabalhos científicos soube sempre incentivar os seus estudantes para irem em perseguição corajosa de novas descobertas.

Esta homenagem pretende recordar, de uma forma perene, todos estes méritos.

Os editores

CRISTINA FLORES e ORLANDO GROSSEGESSE